

Trajetórias de jovens em conflito com a lei: passado e presente

Resultado de investigação finalizada

Grupo de trabalho 22 – Sociologia da Infância e da Juventude

Dinair Ferreira Machado – Assistente Social, Doutora em Sociologia – UFSCAR, Mestre em Saúde Coletiva UNESP/Botucatu. E-mail: asdinamachado@yahoo.com.br

Margareth Aparecida Santini de Almeida – Socióloga. Professora-Assistente Doutora junto ao Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Botucatu/UNESP. E-mail: malmeida@fmb.unesp.br

Maria Inês Rauter Mancuso – Socióloga Professora-Assistente doutora junto ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos UFSCAR. E-mail: inesmancuso.ds@gmail.com

Resumo

Este estudo resulta de pesquisa realizada em 2009 que teve, como objetivos básicos, caracterizar a situação atual de jovens e seus familiares e identificar, por meio de suas narrativas, as disposições que predisuseram alguns a cometer, no passado, atos infracionais, bem como as disposições que preservaram outros, dessa mesma prática.

Palavras-chave: jovens, conflito com a lei, violência.

1- INTRODUÇÃO

1.1 - A construção social da juventude

A juventude é a fase em que os jovens estão se preparando para a vida adulta, e esse período varia de acordo com o contexto familiar, social e histórico. Para Bourdieu (1983) “as divisões entre as idades são arbitrárias”. Isso é, os cortes entre os jovens “são objetos de manipulações” e “cada campo¹ possui suas leis específicas de envelhecimento”.

Isto mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. (BOURDIEU, 1983, p. 113).

Juventudes distintas são predispostas por condições distintas de vida: os jovens que trabalham são diferentes dos jovens que apenas estudam. Nas famílias em que o jovem é isento das preocupações com seu próprio sustento e das despesas familiares e tem como única responsabilidade estudar e manter a posição social prevalece uma condição privilegiada, pois estes podem alçar novos voos e se arriscarem em projetos próprios. (FORACCHI, 1965).

A escolaridade é um marco decisivo para os cortes que são objetos de manipulação a obtenção de títulos confere poder, possibilita a entrada no mundo dos adultos e ainda prepara para o ingresso no mundo do trabalho.

Nas famílias em que o jovem desempenha o duplo papel: estudante e trabalhador, além de não poder contar com o auxílio financeiro da família têm que ajudar a mantê-la, o trabalho não é

uma escolha e sim uma imposição, que limita a emancipação do jovem e o impede de arriscar novos caminhos. Portanto, trabalho e estudo são momentos sociais distintos e não de transição. Dadas essas distinções, a competitividade entre esses grupos torna-se cada vez menos justa e explicita as diversas facetas da fase denominada “juventude” que é vivida de forma diferente e varia de acordo com posição e inserção social dos jovens.

O tempo é outro fator social e histórico que influencia no modo em que a juventude percebe e vivencia sua história de vida, quanto mais ocorrem transformações na sociedade, mais suscetível a alterações estará a juventude.

O termo “diferimento das recompensas” é bastante utilizado quando se abordam esses processos modernos na socialização dos jovens. Segundo Leccardi (2005, p.35), essa fase é vista “em virtude da capacidade de viver o presente em função do futuro. O presente não é apenas uma ponte entre o passado e o futuro, mas a dimensão que prepara o futuro”. Essa é a expectativa da sociedade em relação aos jovens, mas na realidade acontece o inverso, os jovens contemporâneos, diante das incertezas sobre o futuro, comumente vivem o prazer e a satisfação imediata, ao ponto que adiar a satisfação é significado de insensatez. (LECCARDI, 2005, p. 37).

Desta forma, espera-se que os jovens definam e concretizem a sua percepção de tempo conforme suas expectativas futuras o que nem sempre é possível devido as diferenças de experiências e vivências. Portanto, os tempos experimentados diferem-se um dos outros e, por vezes, se opõem, tornando-se cada vez mais difícil mensurá-lo de maneira homogênea na sociedade.

1.2 - Conflito com a lei e a violência na juventude: sinônimos?

O conflito com a lei se concretiza por meio de um ato infracional cometido por adolescentes com faixa etária entre 12 e 18 anos, conforme Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) sendo lhes aplicado medida socioeducativa, desta forma, o ato infracional se caracteriza com práticas que infringem as normas sociais para as quais há sanções legais. É importante ressaltar que as infrações podem variar de acordo com o contexto social e histórico vigente. Para Bocca (p.172, 2009) “a infração somente pode ser entendida como um fato datado geográfica e historicamente, uma vez que determinado comportamento legal em uma sociedade, em uma cultura específica ou em um período histórico torna-se ilegal em outro contexto”. Determinar e classificar a ilegalidade e as transgressões que fogem ao socialmente aceito é responsabilidade de ordem jurídica e o aparelho policial e a instituição indicada para delimitar e averiguar os limites da legalidade.

Nesse sentido, a lei é a forma utilizada para instaurar a cultura e para garantir o monopólio do Estado, tendo em vista a dupla face assumida pela lei que ao determinar o ilegal pode contribuir com a exclusão de grupos que, ao não se enquadrar no sistema são punidos, são as exceções: loucos, prisioneiros, homossexuais, negros, crianças e porque não, os jovens em conflito com a lei. (MOREIRA et al, 2009).

Diante dessas situações, a maneira com que se concebem os adolescentes em conflito com a lei pode rotulá-lo e até lhe atribuir uma condição permanente, sendo assim, “estar em conflito com a lei” atribui o significado de transitoriedade situação que pode ser superada, enquanto “adolescente infrator” determina permanência, natureza infratora (BOCCA, 2009).

Portanto, a violência se caracteriza como uma das formas do adolescente estar em conflito com a lei é concebida de diferentes formas segundo os autores.

Para Bocca (p. 172, 2009) “A violência é percebida como um exercício da força física e da coação psíquica. É a violação da dignidade, da integridade física e mental”.

Minayo (1990) defende o conceito de que existem vários tipos de violência: estrutural, expressa pela dominação de classe, de gênero, de grupos, do Estado e de Nações; a violência da resistência, expressa pela luta dos trabalhadores, contra as várias formas de opressão a que são submetidos, pelo direito à cidadania, contra o domínio dos adultos às crianças e mulheres, pela

igualdade de direitos, e, finalmente, o conceito da violência da delinquência, termo que compreende as mais diversas formas de delito (roubo, furto, assassinatos, brigas entre quadrilhas).

Nas últimas décadas, houve uma ampliação na definição da violência, uma vez que têm sido incorporados acontecimentos e ações que anteriormente eram considerados “naturais”, como por exemplo: violência infantil e a violência doméstica, denotando o caráter social e histórico que perpassa o tema. Portanto faz-se necessário distinguir o que é específico da sociedade contemporânea, mais precisamente no modelo de sociedade brasileira.

Observa-se que o conceito de violência não está necessariamente ligado ao conflito com a lei, ainda que alguns estudos sobre violência na juventude atrelem e associam os conceitos, o conflito com a lei pressupõe um ato, uma prática infracional, que infringe a lei e que não necessariamente foi cometida por meio da violência, ou seja, a violência é apenas uma das formas de o jovem estar em conflito com a lei.

2 - OBJETIVOS:

2.1- Geral: Conhecer, de acordo com a percepção dos jovens investigados, as disposições e as propriedades que predisuseram alguns a cometerem atos infracionais e outros a não os cometerem.

2.2 - Específicos:

- a) Descrever quem são os jovens na atual pesquisa.
- b) Levantar informações que possibilitassem reconstruir as trajetórias de vida e as percepções sobre momentos decisivos de maneira a entender as escolhas feitas.

3 - MÉTODOS

O estudo reconstruiu e comparou as trajetórias de vida de 15 jovens, que em pesquisa anterior relataram ter e não ter tido conflito com a lei. Buscou-se assim comparar dois grupos de jovens caracterizados pelas mesmas propriedades no primeiro momento – idade, condições de vida, escolaridade – e observar comparativamente a trajetória de vida, em especial na relação com atos infracionais.

As entrevistas foram gravadas e semiorientadas por um roteiro, dividido em quatro fases diferentes e complementares da vida: infância, adolescência e o conflito, juventude (momento da entrevista) e as expectativas para o futuro. Falar sobre suas histórias de vida possibilitou, aos jovens, uma reflexão sobre aquela fase da vida, proporcionando aos mesmos, agora adultos, repensar sobre o menino que foram, e o que fez ou não mudar a sua trajetória de vida. Assim a memória não é só parte dos procedimentos: é objeto de pesquisa. É aquilo que o recordar traz que será objeto de interpretações.

4 - O PERCURSO DA PESQUISA

4.1 - O reencontro com os sujeitos da pesquisa

Dos 08 jovens que relataram conflito na primeira pesquisa, 06 relataram suas próprias trajetórias e 02 tiveram a trajetórias reconstruídas a partir de entrevistas com seus familiares, dado que um estava preso nessa época e outro tinha sido assassinado. Dos 07 jovens sem conflito com a lei, apenas um, que se encontrava preso na época, teve a trajetória de vida reconstruída pela madrastra.

Na realização das entrevistas, observou-se que, tanto os jovens pertencentes ao grupo 1 (em conflito com a lei), quanto os do grupo 2 (sem conflito com a lei), considerando o critério do conflito com a lei, passaram por experiências importantes que possibilitaram o desdobramento em

quatro grupos investigação:

Grupo 1.1 – Jovens que relataram conflito com a lei na primeira pesquisa e continuaram em conflito;

Grupo 1.0 – Jovens que relataram conflito na primeira pesquisa e deixaram de tê-lo;

Grupo 0.0 – Jovens que não relataram conflito na primeira pesquisa e permaneceram sem conflito;

Grupo 0.1 – Jovens que não relatam conflito na primeira pesquisa e passaram a tê-lo;

O código 1 é afirmativo em relação ao relato de conflito: o código 0 nega o conflito. Portanto, o código 1 significa o conflito com a lei na primeira pesquisa, e o código 0 expressa o não conflito na primeira pesquisa e a extensão dos códigos (1.0. e 0.1) denotam a transição na segunda pesquisa. Todos os nomes são fictícios, visando assim preservar o anonimato dos jovens e de seus familiares.

Quadro 1 - Caracterização atual com grupo dos jovens investigados, Botucatu, 2009.

Jovens continuaram com conflito	Idade	Sexo	Escolaridade	Situação profissional	Situação conjugal	Com quem reside
Diana	24	F	Médio Completo	Indústria (roupas)	Separada	pais, irmãos e filhos
Roberto	24	M	Médio Completo	Desempregado	Casado	mãe e padrasto
Caio	27	M	Médio Completo	<u>Preso</u>	<u>Casado</u>	<u>Preso</u>
Denílson	26	M	Médio Incompleto	<u>Assassinado</u>	<u>Assassinado</u>	<u>Falecido</u>
Jovens que deixaram de ter conflito	Idade	Sexo	Escolaridade	Situação profissional	Situação conjugal	Com quem reside
Anderson	26	M	Superior (cursando)	Indústria (aeronaves)	Solteiro	Pais
Elieser	26	M	Médio Incompleto	Afastado (Auxílio-Doença)	Separado	pais e irmãos
Alana	26	F	Superior Completo	Recepcionista	Solteira	Pais e irmã
Ricardo	25	M	Médio Completo	Indústria (ônibus)	Casado	mulher e filhos
Jovens sem conflito com a lei na primeira e na segunda pesquisa	Idade	Sexo	Escolaridade	Situação profissional	Situação conjugal	Com quem reside
Eliana	19	F	Médio Completo	Comércio	Solteira	Pais e irmãos
Adilson	22	M	Médio Completo	Indústria (aeronaves)	Casado	Pais/irmãos/mulher e filhos
Tales	23	M	Cursando Técnico em Eletrônica	Indústria (painéis de madeira)	Casado	Esposa
Diany	24	F	Superior (cursando)	Indústria (roupas)	Solteira	Pais e irmãos

Jovens que passaram a ter na segunda pesquisa	Idade	Sexo	Escolaridade	Situação profissional	Situação conjugal	Com quem reside
Maurício	23	M	Médio Completo	Vendedor de Hortaliças	Solteiro	Pais e irmãos
Vinícius	21	M	Médio Completo	<u>Preso</u>	<u>Solteiro</u>	<u>Preso</u>
Celso	19	M	Cursando Médio	Desempregado	Solteiro	Pais e irmãos

Fonte: Trajetórias de jovens em conflito com a lei: passado e presente, Botucatu SP.

Observa-se que, independente do grupo em que os jovens pertenciam, os perfis são semelhantes. A idade média dos 15 foi de 23 anos e 8 meses, sendo que 11 deles eram do sexo masculino e 4 do feminino e um tinha falecido.

5 - REVENDO A PRÓPRIA VIDA: AS NARRATIVAS DOS JOVENS

5.1 - A adolescência: fase de inquietações e conflitos, escola e amigos vulnerabilidade ou proteção?

A adolescência por si só, foi considerada uma fase de vulnerabilidade.

Celso: Não sei dizer, eu acho que vai chegando na adolescência, rebeldia, aí você não quer saber de nada, só quer saber de você mesmo. (Grupo 0.1)

A escola foi um dos principais locais de sociabilidade apontadas por eles, lugar de acolhimento em que puderam fazer novas amizades. O que cativa na escola é o acolhimento dos amigos, o sentimento de pertencimento, o falar a mesma língua, o ser alguém para aquele determinado grupo.

Diana: Quando eu tinha, acho que 12 para 13 anos, eu subi na caixa de água da escola e coloquei purgante na caixa de água. (Grupo 1.1)

Os jovens que deixaram de ter conflito ou permaneceram sem conflito, respectivamente, entre o período das duas pesquisas, recordaram a escola com um local de aprendizado e de responsabilidade. O que diferenciou esses jovens dos que continuaram em conflito é a percepção e a interação no ambiente escolar.

Alana: Eu adorava as aulas de educação física, de brincar de bola, na época brincava muito na escola. Eu adorava ler. A minha professora de pré-escola vivia pedindo para eu ler. (Grupo 1.0)

A forma com que o grupo de amigos vê o mundo pode influenciar diretamente no comportamento e nas atitudes individuais dos jovens.

Roberto: Só lembro aqueles amigos, porque influencia bastante. Tem como é que se diz assim, “o boa pinta” e as pessoas sempre estão querendo se aproximar da turma. Adolescente gosta de ver o outro aprontando, eu recebia até apoio. Fiquei bastante famoso até na escola por causa disso. (Grupo 1.1)

A identidade do grupo e busca por pertencimento determinou alguns comportamentos

dos jovens do grupo 1.1. As influências e os grupos de amigos dos jovens do grupo 0.1 (Maurício, Celso e Vinícius) foram parecidos com os do grupo 1.1. Esses dois grupos são marcados pela continuidade no conflito, ou a transição para o conflito.

Celso: A amizade influencia sim, chega um amigo seu, te oferece, você pode até recusar no começo, mas aí depois, uma hora ou outra, você vai aceitar. E aceita para que eles te achem mais maneiro. Tem amigos meus que usam. Eu até experimentei, para ir na onda dos amigos, para impressionar. (Grupo 0.1)

O que diferenciou os grupos foi a maneira de narrar essa convivência, os jovens que deixaram e os que continuaram sem conflito elaboraram suas narrativas em forma de crítica ao comportamento dos amigos e já ressignificaram sua postura.

Anderson: A partir daí fui criando uma maturidade, você vê, pensa “o cara usando drogas, como vai ser o futuro dele?”. Eu não vou querer isso para mim. A melhor forma de se afastar é não ter convivência, não ter a companhia. (Grupo 1.1)

Os perfis do grupo de amigos dos jovens pertencentes aos quatro grupos estudados têm exatamente as mesmas características, mas a principal distinção está na capacidade de analisar criticamente os fatores positivos e negativos que essas amizades trouxeram nas suas vidas.

5.2 – O Conflito com a Lei: negar ou ressignificar o ato.

Relembrar o conflito com a lei significou suscitar situações constrangedoras que trouxeram vergonha e decepção, por esse motivo alguns jovens negaram o conflito, enquanto outros publicizaram ressignificando-o.

Anderson: Tinha uma das meninas da classe que sempre entregava alguém. O professor fazia chamada pelo número, o dela era 40, o pessoal combinou de vaiar quando chegasse o número dela. Ela começou a se incomodar a tal ponto que certo dia foi até a delegacia da mulher e deu o nome do pessoal do fundão dos que começaram mesmo. O dia que chegou a intimação eu fiquei assustado. (Grupo 1.0)

Atualmente esses casos de insultos, pressões psicológicas, agressões físicas repetitivas e rótulos, de acordo com alguma característica física envolvendo adolescentes no ambiente escolar são classificados como *bullying*¹.

Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Trata-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais (LOPES NETO, 2005, p. 02).

Alana e Ricardo (Grupo 1.0) disseram não se lembrar de ter praticado o conflito. Já Elieser (Grupo 1.0) negou ter praticado algum tipo de infração. O envolvimento de Maurício com a lei iniciou-se aos 20 anos, ou seja, ele já não era mais protegido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente com a inimputabilidade penal.

Diante de todas as circunstâncias, complexidade e intensificação das relações, além das constantes transformações sociais, torna-se impossível determinar como será a vida de um indivíduo no futuro.

5.3 - Ficando adultos: Namoro, casamento e filhos e Ressignificando o passado e planejando o futuro.

De acordo com a literatura, os relacionamentos, namoro e casamento podem ou não ser um fator de proteção. Para Diana (grupo 1.1), a gravidez aos 15 anos foi motivada pela curiosidade, serviu para rever seus comportamentos, porém se contradiz quando narra uma situação em que se envolveu em uma briga e estava grávida. O casamento também se deu na adolescência e foi marcado por constantes agressões sofridas por parte do marido que era dependente químico.

Diana: Um dia eu estava conversando com um amigo no portão. Ele viu e nos ameaçou. Estava com os olhos esbugalhados de tanto usar drogas. Foi embora voltou pegou o revólver colocou na cara do rapaz e falou: “Vaza, eu não quero mais você rodeando a casa da minha mulher”. (Grupo 1.1)

Na ocasião, a jovem estava resguardada pelas medidas protetoras, previstas na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006), a qual “cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, 2006).

A jovem saiu da condição de “liderança” em que estava no grupo de amigos e passou, com o casamento, para uma posição passiva de obediência e submissão ao marido. Esse processo foi analisado constantemente como uma perda.

Os jovens também foram indagados sobre a possibilidade de voltarem ao passado e suas expectativas para o futuro. Os jovens que compõem o Grupo 1.1 demonstraram mais dificuldade para falar sobre o passado. Algumas recordações foram para eles motivos de vergonha, pois significa reconhecer os próprios erros e os fracassos da história vivida.

Celso: Eu deixei de fumar, de me envolver com a molecada do bairro que não era das melhores. Não sei! Eu não faço mais questão de fazer uma faculdade. Eu gostaria de estar com uma profissão estável, ter uma moradia, talvez com mulher ou filho. (Grupo 0.1).

Recordar as atitudes impensadas é motivo de vergonha e frustração para a jovem Diana do grupo 1.1. Tais sentimentos a impedem de sonhar e planejar o futuro.

Diana: Eu não tinha essa cabeça, veja meus irmãos. Eu tenho um irmão que passou em 2º lugar no Barro Branco, é orgulho da minha mãe. O meu irmão mais velho tem 30 anos, tem um apartamento na Avenida Paulista. É Diretor Geral da Telefônica, é professor de uma faculdade, está fazendo doutorado. Eu sempre fui a ovelha negra da casa. (Diana se emociona) (Grupo 1.1)

A afeição pelo grupo ao qual pertenceu na adolescência aflorou em Diana (Grupo 1.1) o sentimento de nostalgia. Mancuso (1998, p. 29) afirma que “a morte dos amigos da mesma geração, que compartilharam de experiências e sentimentos comuns, é um pouco a morte daqueles que sobrevivem e a sensação da morte de um mundo e de um tempo”.

Diana: Antes, eu era a tal. Agora eu sou um lixo, não sou nada (emociona-se). O que eu ganho dá para viver, mas o custo de vida está muito caro, antes eu não tinha noção

disso, queria só curtidão. Tudo o que eu fiz na hora foi prazeroso, hoje não me faz bem. (emociona-se novamente).

A distinção dos jovens que permaneceram ou transitaram para o conflito dos que permaneceram sem ou deixaram de tê-lo está na percepção das escolhas feitas ao longo da vida e na forma de repensar e transformar as atitudes.

Anderson: Olhando para pessoas que conviveram comigo eu me vejo como um cara privilegiado. Acho que a fase ruim eu já passei a do experimenta. Hoje está tudo mais consolidado, estou sempre buscando o melhor (Grupo 1.0)

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou a dinâmica da vida e as incertezas sobre o futuro, assim como, cada experiência e vivência influencia diretamente nos processos sociais em curso. O grupo de amigos como referência para determinados comportamentos orientou disposições diferentes entre os jovens. A escola também foi vista de maneira diferente entre os jovens. Para uns, a escola somente aproximou amigos, para outros, além disso, criou oportunidades de vida e de ganhos futuros.

7 – BIBLIOGRAFIA

- BOCCA, M. C. Ato infracional na adolescência: um fenômeno contemporâneo. **Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 13, n. 2, p.169-179, maio/ago. 2009.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983. 208p.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BRASIL. **Lei n. 11.340 de 07 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher (Lei Maria da Penha). Brasília: Casa Civil, 2006.
- FORACCHI, M.M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social Revista de Sociologia da USP**, v.17, n.2, p. 35-57, 2005.
- LOPES NETO, A.A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v.81, supl. 5, p.S164-S172, 2005.
- MANCUSO, M.I.R. **A cidade na memória de seus velhos. Estudos sobre São Carlos, Itirapina e arredores**. 1998. 241p. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- MINAYO, M.C.S. **Bibliografia comentada da produção científica brasileira sobre violência e saúde**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 1990.
- MOREIRA, A.C.G., ET AL. Quem tem medo do lobo mau? Juventude, agressividade e violência. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 677-697, dezembro 2009.
- STRAUSS, A.L. **Espelhos e máscaras: a busca da identidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 184p.